

DF - Brasília Maquete eterniza o Plano Piloto

Um metro equivale a apenas um milímetro e, ainda assim, a grandeza arquitetônica de um prédio como o Palácio do Planalto não perde nem mesmo detalhes que, com a transposição, tornam-se números, como suas colunas. Os discretos declives dos terrenos da capital também não foram esquecidos, e, aos poucos, toda uma cidade vai sendo montada.

E desta vez não pela mão dos conhecidos cidadãos, mas por um grupo de 15 arquitetos e desenhistas cariocas, especializado em construir maquetes. A primeira etapa do meticuloso trabalho chegou esta semana ao hall do Palácio do Buriti; em novembro, toda a paisagem do Plano Piloto estará reproduzida.

São, ao todo, 90 módulos de maquete que, agrupados, retratarão as Asas Norte e Sul, incluindo também o trecho inicial do Lago. A vegetação, arquitetura e traçado urbanístico das quadras e prédios serão mantidos em detalhes minuciosos, feitos através de plantas e fotografias conseguidas pelos arquitetos. Esse, aliás é o maior problema dos profissionais: a dificuldade de obter informações quanto à própria arquitetura da cidade.

"É uma burocracia grande, temos que falar com um e outro e demoramos a conseguir o que precisamos", comentou o arquiteto responsável pelo projeto, Antônio José Oliveira, que divide a coordenação dos trabalhos com o sócio Fernando Cosmeli.

ATRASO

Quando terminada, a maquete medirá 180 metros quadrados, retratando fielmente a Brasília atual — como marco histórico do ano em que a capital foi decretada patrimônio cultural da humanidade. A encomenda foi feita pelo governador José Aparecido, com custos avaliados em Cr\$ 8 milhões. A primeira etapa deveria ter sido entregue no dia 21 de abril, aniversário da cidade, mas devido às dificuldades para obtenção de informações, a entrega foi feita com atraso.

Como já conseguiram a maioria das informações necessárias, como o sistema viário completo, o grupo prevê que não deverá haver adiamento no prazo de entrega, novembro. Se surgirem mais dificulda-

des, como obtenção das plantas de embaixadas e áreas militares, o trabalho sofrerá atrapalhos. "Conseguimos um helicóptero e iremos fotografar a cidade. Isso ajudará muito", ressaltou o arquiteto, acrescentando que ainda não foi definido o local onde será exposta a maquete depois de pronta. "Sugeri o saguão do Hotel Nacional porque é bem grande".

A escolha de Antônio José Oliveira partiu da qualidade da maquete retratando o centro histórico do Rio de Janeiro, de sua autoria; a obra detalha ruas, prédios e avenidas, desde a Marquês de Sapucaí até o Aterro do Flamengo e do Cais do Porto à subida de Santa Tereza. A maquete está exposta no Paço Imperial e é visitada por empresários interessados em visualizar os espaços ainda livres no apertado centro carioca, arquitetos, estudantes e curiosos. "A idéia inicial era fazer uma ma-

quete de todo o Rio.

OBSTÁCULOS

Como a cidade é nova, os arquitetos acreditaram que o trabalho de retratar todo o Plano Piloto não seria tão complicado. Mas o arquiteto explica que, apesar de ter um traçado bem definido, a cidade apresenta vários declives, além de viadutos, plataformas e passagens subterrâneas, que requerem bastante cuidado quando colocadas em maquete. "Estamos nos dedicando inteiramente a esse projeto", esclarece, lembrando que o fato de os profissionais envolvidos com a maquete não residem na cidade pouco interfere no trabalho.

Segundo Antônio Oliveira, formado em Arquitetura no Rio de Janeiro, em 1969, e com experiências na França, o material de maquete é, basicamente, isopor, acrílico, tinta laca e papel.

YUUGI MAKIUCHI



Antônio José: trabalho terminará em novembro

HBB nega pressão para que mãe deixe xifópagos

Em nota divulgada à imprensa, a Chefia da Unidade de Pediatria do Hospital de Base de Brasília (HBB) contestou as acusações feitas por Hely dos Santos, mãe dos gêmeos xifópagos Gilberto e Gilmar, negando que em qualquer momento tenha sido pedido que a mãe abrisse mão do matrício-poder.

"Ao contrário, o Serviço Social orientou que a mãe levasse as crianças para casa, juntamente com um atestado do Hospital de Base solicitando que as autoridades municipais dessem apoio de assistência social, a fim de manter as crianças e permitir seu crescimento satisfatório, para o mais breve possível ter o

problema congênito solucionado", afirmam os médicos, em nota encaminhada pelo diretor do HBB, Edno Magalhães, ao chefe de Gabinete da Secretaria de Saúde, Sylvio Furkin.

DOZE QUILOS

Outro esclarecimento prestado pelos médicos no caso dos xifópagos diz que eles só receberão alta hospitalar "após minuciosa investigação clínica", quando constatou-se que a intervenção cirúrgica para correção dos defeitos congênicos só poderá ser realizada quando os gêmeos tiverem chegado ao peso de 12 quilos.

Até lá, não existe ne-

cessidade de tratamento médico hospitalar, mas apenas cuidados maternos.

Segundo os médicos, "em momento algum foi discutida a necessidade de sacrificar uma criança", garantindo que o esforço da equipe médica concentra-se em obter sucesso na separação dos xifópagos, sem "prejuízos de vida".

Outro motivo revelado pela equipe pediátrica do HBB na nota à imprensa informa que "uma das crianças é portadora de malformação cardíaca e urinária, o que permite contrair, com frequência, infecções, não sendo conveniente sua permanência em ambiente hospitalar".